

Do Bojador a Moçambique, passando por Cabinda

Deixando provisoriamente Timor de lado, a presente crónica bibliográfica falar-nos-á de história, política, urbanismo, missionários, crianças, cooperantes, museus e mais outros tantos temas relativos aos Estados africanos de língua portuguesa e, muito acessoriamente, espanhola. Está organizada por países, de oeste para leste, e começa por alguns livros que abrangem vários destes territórios.

*Entre Áfricas e Brasís*¹ dá-nos conta de uma tomada de consciência crescente — mas ainda muito insuficiente, dada a composição étnica da população nacional —, por parte do Brasil, da sua herança e dos seus laços com África. Esta colectânea de contributos internacionais contém uma boa centena de páginas sobre, nomeadamente, o papel das mulheres na Guiné e em Luanda, as guerras (colonial e depois civil) em Moçambique, os conflitos em África, etc., sendo o resto do livro dedicado aos *quilombos* brasileiros e à situação dos *afro-descendentes* no Brasil. A qualidade dos textos é variável, mas, em geral, a média é elevada. Incide muito nos temas em voga tal como são tratados na história social, ou até mesmo na imprensa.

Segue-se depois um livro² que aborda um assunto delicado da história diplomática e susceptível de interessar bastantes leitores portugueses, já que o seu autor, espanhol e especialista sobre Portugal, explica muito claramente as ambições anexionistas do rei Afonso XIII em relação ao seu vizinho peninsular. Felizmente que essas ambições não foram por diante, senão quantos lusistas estariam agora no desemprego? Apenas o referimos aqui por

¹ Selma Pantoja (org.), *Entre Áfricas e Brasís*, Brasília, Paralelo 15, São Paulo, Marco Zero, 2001, 208 páginas.

² Hipólito de la Torre Gómez, *El Imperio del Rey Alfonso XIII, Portugal y los Ingleses (1907-1916)*, Mérida, 2002, Gabinete de Iniciativas Transfronterizas, Junta de Extremadura, 283 páginas.

causa do capítulo sobre os projectos anglo-alemães de partilha das colónias portuguesas. O autor não quis aprofundar muito o tema e limita-se a estudar algumas compilações de documentos diplomáticos ou peças dos arquivos britânicos. O interesse reside, evidentemente, no resto do livro e, sobretudo, nos textos secretos ou confidenciais que reproduz (pp. 165-281).

A biografia de uma personagem que teve um papel importante na história colonial de Lisboa introduz o tipo de preocupações que interessam o signatário destas linhas. Antes de abrir o livro dedicado a Norton de Matos (1867-1955), da autoria do seu sobrinho-neto José Norton³, economista e homem de negócios (gestor de empresas), receámos uma dessas temíveis hagiografias familiares que abundam em todos os países, tanto mais que o homem foi tão vilipendiado pelos seus inimigos políticos que quase era de temer uma beatificação póstuma e revanchista. O que, aliás, teria tido a sua graça para um grão-mestre da maçonaria. Mas, na verdade, o autor não pretende ser historiador e tem o grande mérito de ter utilizado arquivos públicos — segundo cremos — e sobretudo privados. É, efectivamente, provável que um historiador externo se tivesse distanciado mais em relação ao seu «herói», mas, de um modo geral, este autor revela bastantes elementos novos sobre Norton de Matos, cartógrafo e militar na Índia portuguesa (1898-1908) e depois governador-geral de Angola (1912-1915). É mais sucinto a falar do alto-comissário (1921-1924) e do seu mandato conturbado e contestado em Luanda. Qualquer leitor estrangeiro não ficará com uma opinião muito positiva da sociedade civil (política sobretudo) e militar portuguesa da época ao ler o livro, que, no entanto, abre incontestavelmente caminho para uma grande biografia científica de um homem fundamental na afirmação da presença portuguesa em África.

Aproximemo-nos agora dos problemas contemporâneos com a síntese de Josep Sánchez Cervelló⁴ sobre o desmoronar dos sonhos de Norton de Matos. Escrevendo para um público espanhol, tradicionalmente pouco informado sobre as questões imperiais de Lisboa no século xx, o autor faz figura de oásis no deserto científico dos espanhóis em relação ao império do seu vizinho ocidental. Revela um espírito claro e sistemático e dispõe de informação séria. Pesa os prós e os contras das teses direitistas e esquerdistas, não esconde os erros e os crimes cometidos (cf. o massacre dos soldados guineenses do exército português pelo PAIGC) e tem o mérito de dedicar um capítulo a cada território durante os dois anos cruciais. Alguns números são exagerados (600 000 colonos em Angola?), mas, no conjunto, trata-se de um trabalho sólido feito por um observador externo.

³ José Norton, *Norton de Matos. Biografia*, Lisboa, Bertrand Editora, 2002, 447 páginas, fotografias a preto e branco.

⁴ Josep Sánchez Cervelló, *El Último Imperio Occidental: la Descolonización Portuguesa (1974-1975)*, Mérida, UNED, Centro Regional de Extremadura, 1998, 171 páginas.

O mesmo pode dizer-se de uma obra destinada, antes de mais, aos anglófonos e que prolonga o período em análise até 2000, ao mesmo tempo que nos oferece uma bibliografia ainda insuficiente, mas honesta e internacional. Que dizer desta *History of Postcolonial Lusophone Africa*⁵ senão que a obra constitui um esforço colectivo de seis autores confirmados na sua especialidade? Uma das vantagens deste texto é o facto de conter uma centena de páginas que recolocam os cinco PALOPs numa perspectiva histórica e comparatista, que salienta o que os distingue ou os aproxima dos outros Estados subsarianos. Além disso, os cinco autores, que se distribuíram pelos cinco países, dão mostras de terem tido uma certa liberdade de apreciação relativamente aos homens e às políticas (por vezes absolutamente desastrosas) que as respectivas independências enaltecera. Não se trata de um catecismo marxizante ou de uma dessas produções pagas pelos Estados desejosos de esconderem debaixo do papel lustroso de álbuns flácios o quanto a sua gestão foi contestável. Numa palavra, é uma introdução, umas vezes extremamente detalhada (São Tomé), outras vezes demasiado curta, devido à densidade dos problemas que assolam essas unidades nacionais ainda frágeis. Um trabalho útil.

Sempre vigorosa, apesar dos seus escassos leitores, a revista *Lusotopie* dedica grande parte do primeiro número de 2002⁶ a um assunto aí tratado com profundidade: as organizações não governamentais (ONGs) na lusofonia. Mas apresenta também um artigo muito extenso e notável sobre os ensinamentos a retirar do recenseamento de 1997 em Moçambique. Se este país tivesse nas ONGs que nele operam cartógrafos e sociólogos tão inspirados quanto os seus autores, é muito provável que as controvérsias que envolvem as actividades destes *do-gooders*, mais ou menos altruístas e competentes, fossem menos vivas. Cabe aos leitores descobrir o que se esconde por detrás dessa fachada de generosidade institucional, caída de pára-quadras em Angola e Moçambique, bem como também no Brasil, que ocupa uma parte significativa do volume.

Passemos agora aos livros que tratam dos PALOPs individualmente. No que se refere a Cabo Verde, comecemos por um romance de Germano Almeida⁷, advogado no Mindelo, que, explorando os seus conhecimentos profissionais, nos oferece uma visão não turística das realidades sociais em Santiago nos anos imediatamente seguintes à independência. Está-se longe dos chavões habituais. Relativamente à Guiné, o insólito impera através de

⁵ Patrick Chabal, David Birmingham, Joshua Forrest, Malyn Newitt, Gerhard Seibert e Elisa Silva Andrade, *A History of Postcolonial Lusophone Africa*, Londres, Hurst & Co.; Bloomington (Indiana), Indiana University Press, 2002, xx-339 páginas.

⁶ *Lusotopie. Les organisations non gouvernementales en lusophonie. Terrains et débats*, Paris, Karthala, 2002, 409 páginas, mapas.

⁷ Germano Almeida, *Os Dois Irmãos*, Lisboa, Caminho, 2.^a ed., 1998, 238 páginas.

um texto de ultraminoritários optimistas: um casal de missionários americanos evangelistas em Bafatá. Em pleno coração do islão, vigiados por autoridades marxizantes, recrutam sobretudo cabo-verdianos e balantas animistas. O jogo de equilíbrios que tiveram de praticar para convencer os «ateus» de Bissau para os deixarem pregar num bastião muçulmano, invocando a liberdade de crenças, e o «governador maometano» de Bafatá para os autorizar a implantarem-se como forma de luta contra os ensinamentos dos «inimigos de Deus» (pp. 66-67) mostra que este casal ingénuo não o era tanto quanto parecia, embora a proeza seja atribuída ao foro do milagre. Com efeito, conseguir vender uma Bíblia em russo a um pediatra soviético colocado no hospital de Bafatá e um Novo Testamento em cirílico ao seu colega dermatologista não está ao alcance de qualquer pregador. Uma simples pergunta: que andariam por ali a fazer aquelas sagradas escrituras numa língua praticamente desconhecida dos fulas locais? Mais uma intervenção divina? No fundo, o objectivo destas pequenas histórias apostólicas⁸, que remontam a 1976-1979, é óbvio: convencer e recrutar tudo e todos. Mas, através da leitura, vai-se tomando consciência da fragilidade do domínio do PAIGC sobre as almas pós-independentistas, longe de Bissau, e das condições de vida da altura, no mato.

Regresso ao científico com o sábio livro de Peter Mark⁹, que talvez agrade ao saudosistas da expansão portuguesa na África ocidental, porque trata da influência arquitectónica dos mestiços no Senegal (nomeadamente em Ziguinchor) e na Gâmbia. Após um estudo detalhado da evolução da identidade «portuguesa» desde o século XVI até ao início do século XIX, prossegue com um exame original das suas consequências sobre as pequenas vilas e habitações onde esses intermediários residiam e, depois, sobre os modelos mais ou menos adaptados pelas populações negro-africanas nas respectivas aldeias. Infelizmente, por razões que desconhecemos, Mark não estendeu a sua análise às construções «recentes» das feitorias da Guiné, tais como Cacheu, Farim, Bissau, Geba e até mais para sul. Tal como existe, reduzido às «províncias» do Norte, o texto não deixa de constituir um levantamento minucioso da literatura e da iconografia disponível e explica a sociedade híbrida resultante dessas relações sobretudo baseadas nas trocas e na religião. É um bom trabalho.

Mais no âmbito das preocupações pastorais, temos as cartas do missionário católico italiano Davide Sciocco, que nos falam da situação dos balantas entre 1993 e 2001, das actividades da missão de Mansoa, mas também da

⁸ David J. Smith, *An Angel, a Miracle, or Simply God at Work?*, Fort Washington (Pennsylvania 19034), CLC Publications, 2002, 123 páginas.

⁹ Peter Mark, *«Portuguese» Style and Luso-African Identity. Precolonial Senegambia, Sixteenth-Nineteenth Centuries*, Bloomington, Indiana University Press, 2002, x-209 páginas, fotografias a preto e branco.

guerra civil (1998-1999) no mato (ainda mal documentada), do fim de Ansumane Mané, do desmoronar da administração «distante» de Bissau, etc. É graças a textos como este¹⁰ que se pode — por vezes — medir a utilidade dos testemunhos de missionários.

Desta Guiné lusógrafa — já que não é lusófona — saltemos para a Guiné hispanógrafa, mas antes consultemos um livro que deve suscitar um total efeito de estranheza no público português, muito menos receptivo do que o espanhol à história da penetração europeia no Sara. Traduzido do francês, o livro de Jean-Marc Durou¹¹ relata com mais ou menos detalhe a história apaixonante dos exploradores britânicos, alemães, franceses, árabes, etc. Mas nada diz sobre os viajantes espanhóis, o que constitui uma grave lacuna. Em contrapartida, fala em três-quatro páginas dos precursores portugueses. Este trabalho de valor desigual (Smara não foi reduzida a cinzas!) trará certamente muitos ensinamentos aos leitores profanos, já que a história da exploração africana está quase sempre escrita com um espírito chauvinista.

Relativamente à Guiné de colonização espanhola, há que referir uma curiosidade a dois títulos: um antigo pugilista, ex-pianista (em 1959), hispano-guineense e que foi depois professor de Matemática em Nova Iorque e membro da diáspora hostil ao regime ditatorial, oferece-nos um relato exuberante e caótico, mas muito informado, sobre a luta anticolonial no Rio Muni antes da independência. Ao que se segue a habitual denúncia argumentada dos crimes e delitos cometidos pelos dois presidentes a partir da independência (1968). Mas o mais espantoso é que, por via de qualquer nova intervenção divina, este texto inglês foi publicado num país, a Venezuela, e por uma instituição, o Município de Caracas, cujos laços com a Guiné Equatorial nos parecem bastante longínquos. Dito isto, o livro¹² destina-se aos — raros — especialistas da história política da Guiné Equatorial, que nele encontrarão um manancial de informações mal organizadas, mas inexistentes em qualquer outra obra. Pode também ser recomendado aos amadores de exotismo absoluto. Contém um índice.

Mais clássico, se assim pode dizer-se, citemos o segundo volume de *Miscelâneas Guineoecuatorianas*¹³, que prossegue o incansável combate contra

¹⁰ Davide Sciocco, *Gioia e liberazione. Le lettere di padre Davide*, Bolonha, Editrice Missionaria Italiana, 2001, 127 páginas, fotografias a cores.

¹¹ Jean-Marc Durou, *A Exploração do Sara*, Mem Martins, Publicações Europa-América, 2002, 299 páginas, fotografias a preto e branco e a cores.

¹² Adolfo Obiang Biko, *Equatorial Guinea from Spanish Colonialism to the Discovery of Oil. A Personal Account*, Caracas (Venezuela), Municipal Institute of Publications, City Hall of Caracas, 2001, 298 páginas, fotografias a preto e branco.

¹³ Luis Ondo Ayang, Analecto Bokesa Camó e Max Liniger-Goumaz, *Miscelâneas Guineoecuatorianas*, vol. II, *Nguemismo: 33 Años de Auto-Golpes y Torturas. Corrupción Nacional e Internacional. Guinea Ecuatorial Cultural*, La Chauz (Suíça), Editorial Tiempos Próximos, 2002, 224 páginas, fotografias a preto e branco.

a ditadura local e actualiza uma bibliografia nacional tornada tão abundante que chegaria a desencorajar um beneditino. Mas estes religiosos também parecem interessar-se por outros campos de investigação.

Voltemos agora à área lusófona com um livro estranho¹⁴. Que é preciso ler para crer. Trata-se de uma paródia cáustica às *Lettres persanes*, ou talvez às *Viagens de Gulliver*, mas aplicada à sociedade de Luanda, vista por um poeta alsaciano, professor de Inglês destacado (1996-2000) na Alliance Française local, numa terra que ele apelida de Toudoupoussivélie. A palavra nada significa para um geógrafo francês, mas, se pronunciada à portuguesa, permite-nos penetrar neste livro repleto de chaves — algumas rangem — que nos fala dos *musseques*, das prostitutas, dos polícias, das crianças, dos refugiados, dos bakongo, dos mestiços, dos escritores, dos expatriados, etc. É um texto praticamente intraduzível e, portanto, mais um livro que não será vendido em Angola, embora não por motivos linguísticos. Nem toda a gente consegue praticar a caridade numa ONG humanitária.

E que vêem eles, que pensam eles, essas centenas de expatriados que desembarcam na Toudoupoussivélie para nela praticarem o bem ou, pelo menos, lhe trazerem desenvolvimento ou religião? A resposta está num livro extremamente revelador sobre Angola e os angolanos, tal como apreendidos pelos estrangeiros que lá trabalham. O texto contém um pouco de tudo: compaixão, humor, repulsa, tristeza, poesia, indignação, indiferença, gozo. Um pouco de tudo, o que não é muito lisonjeiro para a sociedade saída da independência e da guerra civil. O produto da venda do livro destina-se ao plantio de árvores em Angola, o que revela um sentimento de generosidade por parte da ONG que o lançou. Só que não seria bom também plantar um pouco de humanidade naquela população moralmente destroçada? Mas como ao cabo de tantos horrores? É uma obra¹⁵ importante para quem queira avaliar a degradação não só em Luanda, mas também em muitas cidades (Kuito, Malange, etc.) ou regiões (fronteira namibiana, etc.) afastadas da capital. Que fizeram vocês do vosso país, vocês pobres ou demasiado arditos angolanos? Note-se a grande variedade e qualidade das fotografias a cores. Numa palavra, é o fim da jornada para os que, como Norton de Matos, sonhavam poder construir um novo Brasil em África.

Ainda em matéria de horrores e desumanidade, mas vistas por dentro e por baixo, existe o testemunho pelo desenho ou pela palavra das crianças, vítimas inocentes das zonas de guerra, que viveram sobretudo com os guerrilheiros da UNITA. É Buchenwald no quotidiano: fome, assassinatos, violações, esgotamento, marchas forçadas, castigos até à morte. Está-se longe

¹⁴ Philippe Buzy-Sennheim, *Terres d'ombres brûlées*, Paris, Editions des Ecrivains, 2002, 152 páginas.

¹⁵ Margrit Coppé e Fergus Power (coords.), *Angola. Stories for Trees*, Luanda, Development Workshop, 2002, 269 páginas, fotografias a cores.

da defesa do Ocidente. Os testemunhos desses sobreviventes foram recolhidos em parte nos orfanatos e nos campos de deslocados, em 2002, do Bié, do Huambo e da Huíla. O futuro não é sereno para Angola, se bem que a paz tenha sido assinada: «Quero ser militar, começar a matar os que mataram o meu tio e a família dele, mesmo que a guerra acaba»¹⁶, disse uma criança.

Mais marginal, *The Search*¹⁷ conta a história de dois jovens namibianos (Ovambo) que partem à procura do pai perdido na fronteira angolana, ao longo do Cunene. O tema é periférico, mas o livro dá-nos um ponto de vista pouco habitual e está bem escrito. E, já que estamos no Sul, fiquemo-nos por aí com os herero angolanos, mais precisamente os célebres kuvale, que quase iam desaparecendo na sequência da repressão radical do exército português em 1940-1941, aquando da última «campanha de pacificação» em Angola. Um capítulo (pp. 523-536) de uma obra importante sobre os herero da Namíbia fala destes primos do Norte da fronteira. Um antropólogo da Universidade de Luanda, fascinado por esta sociedade, mostra-nos como conseguiram recuperar e adaptar-se às novas realidades. É de assinalar o extraordinário vigor dos estudos sobre as populações namibianas desde a independência. *People, Cattle and Land*¹⁸ é uma obra indispensável para quem se interesse pela etnologia do Sudoeste de Angola, nem que seja apenas a título comparativo.

Mais directamente utilizável pelos politólogos, o estudo de Johanna Götz¹⁹ incide nas relações entre a etnicidade e a política em Angola. Trata-se de um velho debate iniciado já desde John Marcum — e até pela nossa *La colonie du Minotaure* (Editions Péliissier, 78630 Orgeval, 1978), que não se encontra praticamente em Angola por incomodar bastante os sectários —, que é alargado e actualizado (até à morte de Savimbi) pela autora, que nele inclui não só a guerra civil, mas também as intervenções armadas do MPLA nos dois Congos. É sóbrio, equilibrado e a bibliografia útil. Os alemães sempre atribuíram, desde os finais do século XIX, uma atenção muito especial a Angola e às suas populações. Nem sempre por razões desinteressadas, aliás, mas, de uma forma geral, fizeram mais do que outros europeus (excepto naturalmente os portugueses) pelo conhecimento da etnologia local. A prova

¹⁶ *Paz É Brincar à Vontade. Como as Crianças Viram a Guerra em Angola*, Luanda, Christian Children's Fund, 2002, 96 páginas, desenhos e fotografias a cores.

¹⁷ Doc Immelman, *The Search*, Windhoek, Gamsberg MacMillan Publishers, 2000, 92 páginas.

¹⁸ Michael Bollig e Jan-Bart Gewald (coord.), *People, Cattle and Land. Transformations of a Pastoral Society in Southwestern Africa*, Colónia, Rüdiger Köppe Verlag, 2000, XII-540 páginas, mapas, fotografias a preto e branco e a cores, desenhos.

¹⁹ Johanna Götz, *Ethnische Grenzen und Frontlinien in Angola*, mesmo editor, 2002, 132 páginas.

reside no catálogo²⁰ dedicado à colecção etnográfica do Sudoeste angolano de Hermann Baumann (1954) reunida no Museu do Dondo, da extinta Diamang, porque as autoridades portuguesas proibiram a sua exportação para a Alemanha. Foram desenhados e descritos (em parte) 1018 objectos quando Baumann aí se deslocou pela última vez em 1972. Bilingue (alemão-português), este minucioso catálogo pode ter muito interesse para os especialistas, tanto mais que não se sabe o que é feito dos objectos propriamente ditos. Segundo informações não confirmadas, parece que algumas das mais belas peças do Museu do Dondo foram pilhadas e, provavelmente, vendidas no estrangeiro.

Embora sem qualquer relação aparente, citemos nesta sequência a biografia²¹ de um missionário que representou um papel importante no campo da comunicação social em Angola, porque foi director de *O Apostolado* e, muito mais difundida, da *Rádio Ecclesia*, que teve uma importância notória antes e mesmo depois da independência (até à sua confiscação pelo MPLA). É mais um livro de homenagem do que um estudo, segundo as regras, embora contenha elementos úteis. Como é preciso de tudo um pouco para fazer um mundo, passemos agora a dois romances. O primeiro²² passa-se na sociedade africana católica (?) de Luanda (?). O outro²³ é uma longa história entre um antigo membro dos comandos da marinha americana e um oficial superior cubano que se combateram em Angola na altura em que a África do Sul apoiava a UNITA e lutava contra a SWAPO. Estamos a simplificar muito o enredo, mas, se o leitor quiser ter uma visão forte, americana e imaginativa das operações militares de 1979 em Angola, sentir-se-á satisfeito. Até tem um ataque a um comboio, como no Far-West! O autor forneceu-nos ainda um quadro de equivalência dos postos entre as forças armadas americanas, sul-africanas, cubanas e... da Legião Estrangeira. Foi escrito por alguém que assistiu a muitas coisas na sua vida militar e as explora ao máximo para alimentar a saudade de quem se transformou agora num consultor de sociedades civis no Texas.

Um relatório publicado na Noruega²⁴ faz um bom ponto da situação política, social e económica do país após a conclusão da paz e sobre o que podem fazer os doadores da ajuda. Assiste-se, como sempre, a uma enorme proliferação de relatórios de ONGs e organismos estrangeiros: cerca de

²⁰ Beatrix Heintze (coord.), *Herman Baumann. Die ethnographische Sammlung aus Südwest-Angola im Museum von Dundo, Angola (1954). Katalog*, mesmo editor, 2002, 376 páginas, fotografias e desenhos a preto e branco.

²¹ Inocêncio Pereira, *Pe. José Maria Pereira. Um Benemérito de Angola*, Bragança, Mensageiro de Bragança, 1995, 331 páginas, fotografias a preto e branco.

²² Ondjaki, *O Assobiador*, Lisboa, Caminho, 2.^a ed., 2002, 117 páginas.

²³ Edward Kleinguetl, *The Meeting Point*, Bloomington (Indiana), 1stBooks Library, 2002, xiv--629 páginas.

²⁴ Inge Tvedten (coord.), *Angola 2001/2002. Key Development Issues and Aid in a Context of Peace*, Bergen, Chr. Michelsen Institute, 2002, 77 páginas.

quarenta em dezoito meses para o período de 2000-2002. A maioria dos intelectuais angolanos prefere publicar literatura. Isto no que se refere aos mais honestos. Quanto aos outros... Mas dois desses autores angolanos não hesitaram em fazer um balanço severo da sociedade em que vivem.

Recenseemos agora dois trabalhos que honram os respectivos autores, cada qual no seu domínio. O primeiro²⁵ é uma magistral lição de direito internacional público que conclui pela inanidade das teses separatistas de certos nacionalistas cabindas e acaba por dizer que, no plano jurídico, Cabinda faz parte integrante do Estado soberano de Angola. Sendo o seu autor professor de Direito em duas universidades de Lisboa, pode, *a priori*, confiar-se na sua especialidade, tanto mais que a argumentação dos separatistas nos parecia por vezes frágil em desenvolvimentos. Aliás, tínhamos dúvidas quanto à origem desses desenvolvimentos. Terão todos sido escritos pela mão de cabindas? Seja como for, a invocação de certos — nem todos — argumentos históricos era contrária à falta de conhecimentos reais actualmente existentes sobre o passado de Cabinda. É fácil alguém lançar-se numa controvérsia ignorando a história ou vendo-a apenas através de trabalhos parciais e, por vezes, pouco imparciais. A realidade é indubitável: nenhum historiador sério jamais publicou uma monografia sobre o passado político do enclave desde o seu início até hoje. Na melhor das hipóteses, dispomos apenas de fragmentos. Nem sequer existe uma boa bibliografia cabinda! O trabalho de Carlos Blanco de Morais não é, todavia, excepção a essa triste constatação. Na verdade, se tivesse utilizado, não o Pélissier — de quem faz uma troca cavalheiresca de nomes, baptizando-o de «André» (*sic*) — e Wheeler, *Angola* (Pall Mall Press, Londres, 1971), mas René Pélissier, *Les guerres grises* e *La colonie du Minotaure* (Editions Pélissier, Orgeval, 1977 e 1978), teria defendido melhor a sua argumentação histórica. Dito isto, se a fraqueza dos argumentos jurídicos dos nacionalistas está provada pela mão de mestre do autor, que, no entanto, se aventura por vezes imprudentemente na actualidade, tal não invalida uma realidade patente que nada tem a ver com o petróleo: uma grande parte dos cabindas costeiros não se sente nem quer ser angolano, porque se considera superior — com ou sem razão — aos outros bakongo do Sul do rio e, por maioria de razão, ao restantes angolanos. É o velho espírito de «corretor dos negreiros» que impregna a mentalidade dessas gentes, não sendo algumas décadas — menos de dez — de colonização portuguesa niveladora e centralizadora que podem apagar um fenómeno que nenhum tratado jurídico conseguiu resolver. É dentro da cabeça e em família que essas coisas se passam, não perante um tribunal.

²⁵ Carlos Blanco de Morais, *A Autodeterminação dos Povos no Direito Internacional Público. O Caso do Estatuto Jurídico do Enclave de Cabinda*, Lisboa, Edições da Universidade Lusíada, 1998, 403 páginas.

Quanto à tese de Augusto José Pereira Trindade²⁶, situa-se na encruzilha da geografia, da sociologia, da história, da política e mesmo da economia. A primeira parte analisa a explosão urbana na África subsariana, ao passo que a segunda (pp. 253-461) se concentra em Luanda. Pode duvidar-se das racionalizações apresentadas pelas autoridades do Estado Novo quanto à colonização portuguesa, e aparentemente aceites pelo autor, mas não é aí que está o busílis. O importante reside numa síntese em números da crise urbana de Luanda a partir da independência. O autor imputa-a essencialmente «ao falhanço da... classe dirigente enquanto tal e ao clientelismo, à corrupção e à concentração do poder político e económico que desencadeou, governando antes sem atender às realidades e necessidades das sociedades em causa» (p. 15). Não entraremos no detalhe dos capítulos, mas é manifesto que este livro actualiza e completa os trabalhos de geografia urbana sobre a Luanda colonial. Não é muito optimista quanto ao futuro desta cidade macrocéfala num país devastado pela guerra, pela incúria e pelo ódio. Mas apresenta alguns projectos no sentido da reconstrução de uma cidade tornada ainda mais desigualitária do que no período colonial. Em todo o caso, um monstro social e económico impiedoso para com os pobres, ou seja, a antítese absoluta das esperanças de outrora.

Voltemos agora a Cabinda com um livro²⁷ que poderia ser considerado, à primeira vista, importante — pois parece ser o primeiro a defender as teses dos independentistas ao longo de mais de 200 páginas —, mas que enferma de tantas fraquezas que a causa nele defendida teria merecido melhor. É o trabalho de um exilado e de um militante, à semelhança dos que eram publicados pelos angolanos nos anos 60-70 para sensibilizarem a opinião internacional. Contém afirmações pouco dignas de crédito, como «cerca de cinco séculos de colonização» (p. 28), «o extermínio que ela [a população local] sofreu pelos seus dois predadores, portugueses e angolanos» (p. 26), etc. No que se refere aos massacres de cabindas pelos angolanos desde a independência, o autor sabe mais do que nós, mas, enquanto historiador, gostaríamos pessoalmente de saber onde e quando é que os portugueses cometeram acções de extermínio tais que a sua população deveria hoje, segundo ele, corresponder ao dobro do número (já em si não verificável) avançado de 400 000 habitantes (incluindo imigrantes). Mas deixemos a especialistas mais qualificados do que nós o cuidado de discutir inúmeras outras frases do mesmo teor relativas à etnologia, à linguística e a muitas outras disciplinas. O objectivo do autor é manifesto: estabelecer uma distin-

²⁶ Augusto José Pereira Trindade, *O Fenómeno Urbano na África Subsahariana. O Caso de Luanda*, Lisboa, Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas, 2000, 488 páginas, fotografias e mapas a preto e branco.

²⁷ Alban Monday Kouango, *Cabinda, un Koweït africain*, Paris, L'Harmattan, 2002, 280 páginas, fotografias a preto e branco.

ção radical entre angolanos e cabindas. O que é legítimo aos olhos de muitos cabindas. Trata-se, portanto, de um sentimento *inegável* de diferença, defendido por argumentos que décadas de lutas políticas e militares implantaram no espírito dos nacionalistas, mas que se revelam muito frágeis no plano científico. Talvez seja chegado o momento de arranjar argumentos mais sólidos. Dito isto, o livro permanece importante por ser bastante detalhado e mesmo crítico em relação à evolução do nacionalismo cabinda na qual o autor participou. Mesmo que o leitor não concorde, encontrará neste labirinto tão denso quanto o Maiombe espantosas revelações sobre o jogo dos Estados limítrofes, da França, dos interesses petrolíferos, da resistência militar cabinda, das suas divisões, etc. Trata-se, pois, de um livro fundador para Cabinda, embora gostássemos que entre os intelectuais locais aparecessem autores que, dotados de mais meios, de melhores conhecimentos e de mais ponderação, prosseguissem a defesa da identidade cabinda.

Desçamos agora para uma Angola incontestável, mesmo que tenha sido contestada por cães de guerra cujos métodos veremos num relatório²⁸ esmagador de uma ONG francesa. Achámos dever recomendá-lo para o leitor perceber até onde pode ir a barbárie de uma guerra civil à africana. Dezenas de entrevistas feitas a refugiados arrasam qualquer desses *slogans* ocios sobre a fraternidade e o futuro radioso que a independência proporcionaria. É o inferno dos aldeões encurralados entre as forças do MPLA e as da UNITA. Estamos muito longe das embaixadas e dos ministérios, e ainda mais dos ideais dos combatentes de 1961-1974.

Terminemos com Moçambique. *Le chant des roues*²⁹ é um livro sem pretensões, escrito por um suíço que dedicou sete anos da sua vida a dar a volta ao mundo em bicicleta e, como só preencheu 300 páginas para relatar a odisseia (1994-2001), teve mesmo de ser sucinto. Atravessou (1999) o corredor de Tete, foi para o Malawi e depois, com originalidade, entrou pelo Norte de Moçambique, que atravessou até ao mar, via Nampula, onde assistiu às festividades da recepção de um conselheiro federal helvético, após o que subiu até à Tanzânia, atravessando o Rovuma (ortografado Ravuna!). Guardou uma boa recordação de Moçambique, que despacha em menos de cinco páginas (pp. 236-240), e lembranças menos boas da Guiné-Bissau, onde chegará mais tarde, em 2000 (pp. 281-283), um país que bateu no fundo depois da guerra civil. Citando o cantor da Costa do Marfim Alpha Blondy, abandona a Guiné-Bissau, arremessando-lhe uma seta: «Os piores inimigos de África são os africanos» (p. 282). Tem, pelo menos, a vantagem de ter viajado lentamente e de se ter aproximado das gentes pobres.

²⁸ Médecins sans Frontières, *Angola. Une population sacrifiée*, MSF (8 rue Saint-Sabin, 75544 Paris Cedex 11), Outubro de 2002, não paginado (cerca de 100 páginas).

²⁹ Claude Marthaler, *Le chant des roues. Sept ans à vélo autour du monde*, Genebra, Editions Olizane, 2002, 301 páginas, desenhos a preto e branco, fotografias a cores.

E agora regresso aos missionários americanos. Apesar de os lusófonos raramente terem consciência disso, existe uma produção moçambicanista de protestantes de várias obediências perfeitamente espantosa, sendo a dos nazarenos (*Nazarenos*) uma das mais prolíficas. *Mozambique Moments*³⁰ inscreve-se, portanto, numa longa tradição de escritos missionários (relatos sobre actividades, conversões, perseguições, biografias de evangelistas africanos, etc.) dos nazarenos, destinados à edificação dos fiéis na América. Razão pela qual as bibliotecas não confessionais (mesmo as africanistas) raramente os colecionam, e fazem mal porque muitas vezes esses textos têm um certo valor histórico ou social. Aqui um filho de missionários, educado em Moçambique e ele próprio a pregar no Sul (Xai Xai, Tavane, Chibuto, etc.), conta a vida da sua família, relata os trabalhos que fez em 1999 e 2000, a luta que travou contra a bruxaria, contra os adeptos das igrejas nativistas, etc. Seguem-se as consequências das inundações que devastaram as aldeias e Xai Xai, as ajudas, etc. Em 2000, os nazarenos já contavam 50 000 membros no país.

Ainda dentro do registo «Protestantes da América em Moçambique», mas no campo da ficção, recomendamos um livro³¹ destinado à juventude feminina e baseado na experiência da autora, que, juntamente com o marido, fora encarregue de distribuir as ajudas alimentares e roupas aos cristãos da província de Gaza entre 1985 e 1990. Está-se em plena guerra e, efectivamente, na história, o casal e os seus dois filhos, um pastor africano e outras quantas pessoas são raptados pela RENAMO perto de Chibuto. A narração do calvário que se seguiu baseia-se nos relatos — infelizmente autênticos — das crueldades infligidas por este movimento, que, aliás, não é nomeado. Publicado em 2002, o romance evita tudo o que poderia ser considerado atentatório contra a paz civil, o que reabriria feridas ainda mal cicatrizadas: progressivamente, com a ajuda da Bíblia, os guerrilheiros vão-se humanizando. Ao cabo de mais de dois meses, os americanos são, finalmente, levados para o Zimbabwe. E as adolescentes das *Sunday schools* americanas beneficiaram, assim, de uma introdução pia às realidades moçambicanas do mato em plena guerra.

Após esta irrupção de Moçambique nas preocupações protestantes, passemos agora à reedição alargada de um livro que conta em pormenor a forma como os católicos italianos, mais precisamente a Comunidade de Santo Egídio, conseguiram que a FRELIMO e a RENAMO assinassem a paz (4 de Outubro de 1992). Em relação à edição original, *Mozambico: una pace per l'Africa*³² contém uma introdução remodelada e actualizada, onde se fica a saber que essa

³⁰ Douglas J. Perkins e Phyllis H. Perkins, *Mozambique Moments. E-mail from the African Bush*, Kansas City (Missouri), Nazarene Publishing House, 2002, 87 páginas, fotografias a preto e branco.

³¹ Anne Le Hardy, *The Wooden Ox*, Grand Rapids (MI), Kregel Publications, 2002, 192 páginas.

³² Roberto Morozzo della Rocca, *Mozambico: una pace per l'Africa*, Milão, Leonardo International, 2002, 244 páginas.

mediação custou menos de 300 000 dólares à Comunidade e menos de um milhão de dólares ao governo italiano. As notas — sempre abundantes — e a bibliografia, bem como o capítulo final sobre «dez anos de paz», referem a maior parte dos trabalhos publicados após a 1.^a edição. Convém, portanto, ter as duas.

Desde então, os livros em italiano sobre Moçambique ultrapassaram largamente em número os referentes a Angola e à Guiné-Bissau e têm-se especializado cada vez mais, o que revela as actividades profissionais (e já não só religiosas) dos seus autores dentro do país. Assim, no que se refere a uma temática onde as competências italianas são reconhecidas, há pelo menos seis italianos (além de Mía Couto) que dissertaram³³ sobre a arquitectura em Moçambique, onde vários a ensinam e praticam no dia a dia. É, portanto, um livro simultaneamente teórico e recapitulativo que nos mostra o que fizeram os arquitectos portugueses sobretudo no Sul, mas também no Norte (Lichinga, outrora Vila Cabral), etc. Fornece ainda exemplos da produção arquitectónica e urbanística desde a independência. Tudo comentado e, sobretudo, ilustrado. Alguns autores também se interessam pela reabilitação do *habitat* degradado, outros pelos bairros informais da periferia de Maputo, etc. Sendo técnica, esta obra traz uma nota de optimismo a um país que tanto dele necessita.

Para terminar o tema, terminar Moçambique e terminar um artigo que já vai longo, não podemos deixar de assinalar uma espécie de consagração de um arquitecto português reconhecido entre os seus pares e que é agora o artesão principal e oficial do desenvolvimento da arquitectura moçambicana desde 1975. Livro de homenagem a José Forjaz, de reflexões, projectos e realizações, *Entre o Adobe e o Aço Inox*³⁴ é uma obra luxuosa, relativamente à qual Moçambique não se cansou de procurar apoios financeiros para a sua publicação. Seria bom que a mesma atenção fosse dada aos demasiado modestos — e que por isso passam praticamente despercebidos — trabalhos dos historiadores locais, que, também eles, ao seu nível, mas com a indiferença do grande público, trabalham ou estão a começar a trabalhar para o bem de Moçambique. Quando se sabe das dificuldades pelas quais passamos no estrangeiro para obter os livros publicados nos PALOPs (quando são publicados, claro), perguntamo-nos se não seria conveniente insuflar nos tristes funcionários que tratam de os divulgar o espírito bandeirante que anima os arquitectos de Moçambique.

Redigido em Fevereiro de 2003.

Traduzido por Bernardette Pinto Leite

³³ Luciano Cupelloni (coord.), *Mozambico. Pensare, fare, insegnare l'architettura*, Florença, Alinea Editrice, 2000, 184 páginas, desenhos, fotografias a preto e branco e a cores.

³⁴ José Forjaz, *Entre o Adobe e o Aço Inox. Between Adobe and Stainless Steel. Ideias e Projectos*, Lisboa, Caminho, 1999, 327 páginas, desenhos, fotografias a preto e branco e a cores.